

## O CONCEITO DE INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA NA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA BRASILEIRA

### THE CONCEPT OF CREATIVE INSUBORDINATION AND THE BRAZILIAN MATHEMATICS EDUCATION

### EL CONCEPTO DE INSUBORDINACIÓN CREATIVA Y EL EDUCACIÓN MATEMÁTICA BRASILEÑA

Josâne Geralda Barbosa<sup>1</sup>  
josane.barbosa@ifmg.edu.br

#### RESUMO

Para compreender como o conceito de insubordinação criativa adentrou no campo da educação matemática brasileira, foi realizada uma investigação qualitativa, com aportes teóricos e metodológicos na pesquisa (auto)biográfica. Constatou-se que as professoras Beatriz Silva D'Ambrosio e Celi Espasandin Lopes foram as primeiras pesquisadoras brasileiras a abordar o conceito em suas pesquisas. A parceria e aproximação das professoras com o conceito mobilizou professores e pesquisadores da educação matemática brasileira nas pesquisas e escritas científicas, assim como nas suas práticas docentes. Uma narrativa da professora Celi Lopes é apresentada, quando relatou a sua aproximação com o conceito, o significado que atribui a ele e refletiu sobre algumas repercussões do mesmo no campo da Educação Matemática brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA; SUBVERSÃO RESPONSÁVEL; EDUCAÇÃO MATEMÁTICA; PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA; NARRATIVA

#### ABSTRACT

To understand how the concept of creative insubordination entered the field of Brazilian mathematical education, a qualitative investigation was carried out, with theoretical and methodological contributions to (auto) biographical research. It was found that teachers Beatriz Silva D'Ambrosio and Celi Espasandin Lopes were the first Brazilian researchers to approach the concept in their research. The partnership and approximation of teachers with the concept mobilized teachers and researchers of Brazilian mathematical education in scientific research and writing, as well as in their teaching practices. A narrative by Professor Celi Lopes is presented, when she related her approach to the concept, the meaning she attributes to it and reflected on some repercussions of it in the field of Brazilian Mathematics Education.

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – Campus Ouro Preto

**KEYWORDS:** CREATIVE INSUBORDINATION; RESPONSIBLE SUBVERSION; MATHEMATICAL EDUCATION; (AUTO) BIOGRAPHICAL RESEARCH; NARRATIVE

## RESUMEN

Para comprender cómo el concepto de insubordinación creativa ingresó al campo de la educación matemática brasileña, se realizó una investigación cualitativa, con aportes teóricos y metodológicos a la investigación (auto) biográfica. Se encontró que las maestras Beatriz Silva D'Ambrosio y Celi Espasandin Lopes fueron las primeras investigadoras brasileñas en abordar el concepto en su investigación. La asociación y aproximación de los docentes con el concepto movilizó a los docentes e investigadores de la educación matemática brasileña en la investigación científica y la escritura, así como en sus prácticas docentes. Se presenta una narración de la profesora Celi Lopes, cuando informó su acercamiento al concepto, el significado que le atribuye y reflexionó sobre algunas repercusiones del mismo en el campo de la Educación Matemática Brasileña.

**PALABRAS CLAVES:** INSUBORDINACIÓN CREATIVA; SUBVERSIÓN RESPONSABLE; EDUCACIÓN MATEMÁTICA; INVESTIGACIÓN (AUTO) BIOGRÁFICA; NARRATIVA.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como foco a apropriação do conceito de insubordinação criativa pela comunidade de educadores matemáticos brasileiros. Ele apresenta parte de uma pesquisa de doutorado, cujo objetivo foi realizar a biografia intelectual da professora Dra. Beatriz Siva D'Ambrosio. A investigação realizada é qualitativa, com aportes teórico e metodológico, fundamentados na pesquisa (auto)biográfica, e a narrativa foi adotada como instrumento investigativo. Constatou-se que as professoras Beatriz D'Ambrosio e Celi Espasandin Lopes foram as primeiras pesquisadoras brasileiras, em Educação Matemática, a estudarem o conceito. Para compreender a aproximação dessas professoras com o conceito de insubordinação criativa, o significado que ele assume em suas pesquisas e algumas repercussões dessa proximidade, uma narrativa da professora Dra. Celi Espasandin Lopes compôs o corpus de dados da pesquisa e é apresentada na íntegra.

## A INVESTIGAÇÃO

Compreender o conceito de insubordinação criativa e os caminhos pelos quais ele chega aos pesquisadores e aos educadores matemáticos brasileiros

ajudará a identificar as implicações e as contribuições que ele agrega à área. Assim, a questão que fomentou esta investigação foi: Como o conceito de insubordinação criativa adentrou no campo da educação matemática brasileira?

Rosa (2019) considera o conceito de insubordinação criativa como uma temática importante para a área da Educação Matemática, ao tomá-lo não apenas como ação de oposição à subordinação, mas como ação educativa, subversiva e criativa, “que assume a subversão responsável, subversão com juízo e consciência e que, nesse ínterim, toma a criatividade de forma ampla” (ROSA, 2019, p. 2).

Também Santos (2017), após mapear as pesquisas brasileiras que adotam os termos “insubordinação criativa” ou “subversão responsável”, conclui que “o termo insubordinação criativa foi assumido, em diversos contextos, como um passo à evolução da educação e da pesquisa, um despertar do que significa ser, num sentido amplo, pesquisador e educador matemático” (p. 26). Santos (2017) realizou o mapeamento das produções científicas brasileiras, publicadas no período de 2014 a meados de 2017, presentes em periódicos, livros, no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e nos anais de eventos, nacionais e internacionais, que foram realizados no Brasil. Foram analisados 35 artigos, 4 livros e 1 tese. Os estudos revelam um crescimento na produção científica que se apropria do conceito e uma diversidade de contextos em que o mesmo é encontrado, a partir de 2014.

A pesquisadora constatou que o conceito de insubordinação criativa começou a ser discutido pelos pesquisadores brasileiros da Educação Matemática a partir das publicações das professoras Beatriz Silva D’Ambrosio e Celi Espasandin Lopes. A mesma afirmação é apresentada por Lopes e Ferreira (2017, p. 6-7) ao afirmarem:

D’Ambrosio e Lopes, em 2014, trouxeram ao contexto brasileiro seus diálogos com as ideias da insubordinação criativa, assumindo a subversão responsável como sinônimo, e buscaram potencializar as ações de professores e pesquisadores que se opõem a regras estabelecidas, ao entenderem que seu trabalho, seja na escola ou na universidade, assume compromisso explícito com o respeito humano, a solidariedade, a equidade, a justiça social e a ética. Para as autoras, ser subversivamente responsável requer assumir-se como ser inconcluso, é ter consciência de quando, como e por que agir contra procedimentos ou diretrizes estabelecidas. É tomar a curiosidade como alicerce da produção de conhecimento e fazer de seu inacabamento um permanente movimento de busca.

Portanto, a procura pela gênese do conceito de insubordinação criativa na educação matemática brasileira nos levou às professoras e pesquisadoras Dra. Celi Espasandin Lopes e Dra. Beatriz Silva D’Ambrosio. Elas foram as primeiras a estudar e divulgar o conceito no campo da educação matemática brasileira. Como

a professora Beatriz D'Ambrosio faleceu no ano de 2015, este artigo apresenta a narrativa da professora Celi Lopes.

Alguns questionamentos foram surgindo durante a investigação: Quais são os primeiros pesquisadores que se envolveram com o conceito de insubordinação criativa? Como se deu esse envolvimento? O que pensam esses pesquisadores sobre o conceito? Como visualizam a disseminação do conceito entre os professores e os pesquisadores da área? Para responder a essas questões, a investigação pautou-se nas premissas teóricas, epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica.

## METODOLOGIA

A necessidade de demarcar a pesquisa (auto)biográfica em educação como abordagem qualitativa compele pesquisadores a discutirem a sua natureza. Eles empregam o termo “pesquisa” para sinalizar o caráter científico do uso que se faz das narrativas em educação, e o qualificativo “(auto)biográfica”, com os parênteses, para apontar a referência

às narrativas biográficas e autobiográficas e chamar a atenção para a subjetividade na pesquisa. Por fim, eles podem ainda remeter à transposição de narrativas autobiográficas para biográficas, o que acontece quando o pesquisador transforma uma narrativa autobiográfica (oral ou escrita) que lhe foi oferecida por um participante que narra sua vida e assume a autoria do texto (PASSEGGI, 2020, p. 65).

As pesquisas (auto)biográficas abrangem pesquisas biográficas em educação e histórias de vida em formação. “O foco da primeira recai sobre a formação (histórias de vida em formação), o da segunda sobre a educação (pesquisa biográfica em educação)”. Então, o foco geral da pesquisa (auto)biográfica “é duplo: introduz o (auto) para sinalizar a presença da subjetividade em pesquisa e omite formação e educação, deixando o campo aberto para ambas” (PASSEGGI, 2020, p. 61). Elas possibilitam investigar o processo formativo dos indivíduos e compreender os seus sentimentos e as representações que possuem sobre os atores sociais do seu processo de formação. Por meio da singularidade e da subjetividade o narrador relata suas experiências, sentimentos e saberes, lembrando e resignificando-os a partir do processo narrativo reflexivo (SOUZA, 2007).

As narrativas biográficas, como instrumento de investigação bastante utilizado nessas pesquisas, colocam no centro do processo investigativo o indivíduo, as experiências que vivencia, seus sentimentos, seus processos formativos e sua interação consigo, com o outro e com os contextos em que vive. Para isso, o

pesquisador apresenta seus objetivos de pesquisa e dá autonomia para o narrador relatar suas histórias (BOLÍVAR et al., 2001).

Assim como Barbosa e Lopes (2020, p. 266), que consideram as narrativas como “documentos inéditos, de riqueza incomensurável, produzidos especificamente para a pesquisa proposta, registros inexistentes em outros documentos”, a narrativa da professora Celi Lopes é fundamental para compreendermos os processos pelos quais ela passou e passa, ao se apropriar do conceito de insubordinação criativa em suas pesquisas. A narrativa foi falada pela professora, sem interrupção da pesquisadora. Posteriormente, foi transcrita, textualizada, encaminhada à professora e revista, até que a versão final fosse aprovada por ela.

A professora Dra. Celi Espasandin Lopes é licenciada em Matemática e em Pedagogia. Possui aperfeiçoamento em Matemática Pura, especialização em Modelagem Matemática no Meio Ambiente, mestrado e doutorado em Educação. Realizou pós-doutorado na University of Georgia (UGA) em 2008. É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Estatística e Matemática (GEPEEM), do Grupo de Investigação e Formação em Educação Matemática (GIFEM) e do Grupo de Pesquisas (Auto)biográficas em Educação Matemática e Estatística (GEPAME). Coordena o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática e Estatística (CEPEME) e as coleções de Educação Estatística e Insubordinação Criativa da Editora Mercado de Letras. Atualmente é professora titular no programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática, da Universidade Cruzeiro do Sul (desde 2004). Foi Professora Visitante na Miami University - Oxford - Ohio - USA (2015-2016) e Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM) no período de 2016 a 2019. É pesquisadora produtividade CNPQ, nível 2, e seus principais interesses de pesquisa são formação de professores e educação estatística. A mobilização do conceito de insubordinação criativa na prática docente e na produção científica é também um de seus interesses de pesquisa e a motivação para a apresentação e a análise de sua narrativa neste artigo.

Não caberá no espaço deste artigo uma análise minuciosa da narrativa da professora. Portanto, será adotada a postura restitutiva ou hiperempirista apresentada por Bolívar et al. (2001), que consiste em transcrever as narrativas na sua forma literal. Neste caso, o leitor tem acesso aos dados brutos da pesquisa. Entretanto, algumas considerações serão apresentadas no quinto tópico deste texto.

## A NARRATIVA

Em uma narrativa concedida à autora em 12 de março de 2020, na cidade de São Paulo, a professora Celi Espasandin Lopes narrou:

Eu vou começar a contar sobre os meus primeiros contatos com a Bia. Conheci a Bia no ano de 1990, quando eu cursava aperfeiçoamento em matemática pura, oferecido pelo IMECC, e havia uma disciplina com o Valente, e a Bia foi ministrar umas aulas para a turma. Depois eu a reencontrei rapidamente no Ebrapem em 2002. E só tive a oportunidade de reencontrá-la novamente em 2008, nos Estados Unidos, durante um encontro do NCTM, quando eu estava realizando o pós-doutorado na Universidade da Georgia, em Athens. Eu fui conversar com ela durante o evento, e ela me convidou para jantarmos e eu achei ótimo, porque eu estava me sentindo muito sozinha, ainda não conhecia muita gente. Então, ela me disse que ia ministrar um curso de formação continuada e ia ter uma semana de trabalho com os professores. Ela me convidou para acompanhar este trabalho na primeira semana de agosto. Então, pudemos discutir com mais profundidade nossas concepções de formação de professores. Na ocasião eu fiz um convite para ela vir ao Brasil trabalhar um tempo no Programa de Pós-Graduação da Universidade Cruzeiro do Sul. Eu consegui um financiamento Fapesp para trazê-la ao Brasil. Ela veio e ficou trabalhando comigo por umas três semanas, em julho de 2009. Foi ótimo! No final de 2012, Adair e eu estávamos planejando a organização do SELEM, que ia ser na Cruzeiro do Sul, em maio de 2013. Então, a Adair me disse que a Bia estaria vindo para o Brasil para ficar um ano na UNESP, em Rio Claro, como professora visitante. Nós convidamos Bia para participar de uma mesa-redonda no SELEM e durante o evento pouco conversamos, pois eu estava naquela correria como organizadora do evento. Eu não tinha muito tempo para dar maior atenção para as pessoas. Então nos falamos muito pouco. Mas ela me disse que havia gostado muito do evento e que precisávamos produzir juntas. Marcamos um almoço em Rio Claro para quando eu fosse fazer uma palestra sobre Educação Estatística. Eu disse a ela: “Bia, eu estive pensando que a gente é um fracasso para escrever a distância. A gente tem que dar um pontapé inicial em nosso trabalho conjunto. Então, eu poderia pedir um financiamento para um projeto FAPESP no exterior e ir a Oxford para trabalharmos juntas. Eu não posso ficar muito tempo, mas pelo menos por um mês eu posso ficar com você. A gente trabalha, produz juntas”. Ela falou que seria ótimo. Então eu fui em janeiro de 2014, num período em que o inverno foi muito rigoroso. Foi uma sorte ela ter me convidado para ficar na casa dela, porque foi um inverno em que a gente não conseguia sair à rua. Trabalhávamos em casa, pois não era possível ir à universidade. Fiquei lá por vinte dias e, nesses dias, a gente trabalhava das 8h30min ou 9 horas da manhã, desde que sentávamos para tomar café, até a hora que acabasse a garrafa de vinho aberta no jantar. Foram muitas madrugadas de produção. Eu nunca dormi tão pouco na minha vida. A gente conversava muito, e nossa proximidade aumentou com a descoberta de tantas afinidades pessoais e profissionais. Tínhamos muitas concepções em comum, sobre Educação, sobre formação de professores, a mesma compreensão do professor como produtor de conhecimento e a mesma paixão por Paulo Freire. O meu projeto Fapesp era metanálise da minha produção em Educação Estatística e quando a gente estava discutindo isso, eu estava detalhando sobre minhas pesquisas, falando da Educação Estatística num viés de maior criticidade, ela me falou: “Você já ouviu falar de insubordinação criativa?” Eu falei: “Não, nunca ouvi”. E ela: “Pois é, então, é um conceito. Quem tem trabalhado com isso é a Rochelle Gutierrez. Eu estive no Congresso do PME americano e ela fez uma palestra sobre isso. Ela é muito minha amiga, eu achei muito interessante a fala dela”. Ela se referia a um texto da Rochelle Gutierrez que a gente usa muito como referência, que é o de 2013. E daí ela começou a falar, empolgada, sobre isso. E eu falei: “Ah, então vamos aproveitar esses dias para lermos e estudarmos isso”. Ela falou: “Ah, então vamos”. Ela se entusiasmou! E o meu projeto inicial, logicamente, ficou de lado. Precisei trabalhar muito nele

quando retornei ao Brasil para concluí-lo. E aí a gente embalou. Nós pesquisamos vários artigos. E a gente foi lendo e foi discutindo. Era tudo em inglês e para agilizar eu sentava do lado dela no sofá, ela ia lendo e a gente já ia comentando. E assim foi. O primeiro artigo que escrevemos foi o do Bolema, embora ele só tenha sido publicado em 2015. Já nos últimos dias, quando eu viria embora, numa noite que a gente já tinha terminado de escrever o texto do Bolema, já eram umas 3 horas da manhã, e a gente já tinha delineado os 10 volumes da coleção de insubordinação criativa! Eu saí de lá com o artigo do Bolema concluído. Eu me empolguei também com aquilo e quando voltei para o Brasil eu comecei a ler, a estudar, e a gente passou a se reunir pelo Skype pelo menos uma vez por semana. Eu agendei as entrevistas com as professoras. A ideia era gerar o primeiro volume a partir de entrevistas com professoras que eu conhecia, em diferentes momentos da carreira, e que certamente tiveram ações de insubordinação criativa em suas práticas docentes. Nós continuamos trabalhando em reuniões por Skype, normalmente nos finais de semana, para irmos discutindo o teor das narrativas das professoras. Também comentávamos sobre as leituras que fazíamos em comum. Nós trabalhamos muito, aprendemos a trabalhar a distância. Eu voltei a Oxford em julho de 2014 para escrevermos o livro. Foram dias e madrugadas de intenso trabalho, eu voltei ao Brasil no final do mês com o livro concluído e encaminhamos para a revisão da Leda. Planejamos o lançamento do livro no Brasil no mês de novembro quando ela viria participar do CIPA no Rio de Janeiro e trabalhar com a Regina em um projeto do OBEDUC. Fizemos três sessões de lançamento para reunir os colegas do Rio de Janeiro, Campinas e São Paulo. Foi muito bom! Alguns dias antes de ela falecer, ela foi pegar algo no armário, voltou com o nosso livro na mão e disse: “olha só, esse nosso livro. Não é que ele ficou bonitinho?!”. Estávamos tão empolgadas e rendíamos tanto quando trabalhávamos juntas, que eu fui me entretendo e ela também estava entusiasmada. Quando terminamos o volume 1, mobilizamos os colegas para os volumes 2 e 3 e eu tive a ideia de organizar um livro em inglês para divulgar as pesquisas brasileiras que dialogavam com as ideias de insubordinação criativa. Então, eu falei para ela: “Vamos pedir para esses colegas autores dos volumes 2 e 3 que escrevam juntos um volume para publicarmos em inglês”. Podemos pedir leituras críticas de colegas que conheçam a produção científica brasileira e convidamos a Paola Valero, a Diana Jaramillo e o Arthur Powell. Foi muito legal organizar esses livros, compartilhar nosso entusiasmo com os colegas e ter as contribuições deles na produção de textos interessantíssimos. Lançamos este livro em Portland, em junho de 2015, durante a conferência Mathematics Education and Society. Os volumes 2 e 3 da coleção de insubordinação criativa haviam sido lançados durante a realização do CIAEM em Chiapas em maio de 2015. Além dos livros que produzimos, escrevemos um texto para um congresso na Europa, o CERME, outro para o ENDIPE e também para o CIPA, todos realizados em 2014. Mas não fomos para o CERME e o texto não foi publicado. Após o falecimento da Bia, publiquei esse artigo na Ciências & Educação, como havíamos planejado. Nosso trabalho conjunto era muito sério, ético, a gente fazia com respeito aos nossos princípios. E eu procuro seguir da mesma forma. Embora Bia não esteja entre nós, ela sempre foi e é uma referência essencial em minhas produções. Ela sempre foi e é uma referência importantíssima. E, logicamente, com a proximidade e com a produção com ela, eu também passei a ler o que ela escreveu de outra forma e a entender com maior profundidade suas ideias e argumentos. Então, é por isso que eu invisto muito na divulgação do nosso trabalho, porque eu acho que ele traz contribuições significativas. Acho que nosso trabalho tem mobilizado muitos jovens da Educação Matemática brasileira e até fora do Brasil. Recentemente fiz parte da banca de uma professora brasileira, que defendeu sua tese em Portugal, e me maravilhei ao perceber

que tanto a doutoranda quanto os professores da banca se mobilizaram muito em relação ao conceito. Toda vez que eu falo sobre insubordinação criativa eu me refiro sempre à Bia, porque a gente trabalhou muito juntas e, se não tivesse sido algo tão importante em que eu não acreditasse tanto, eu não daria continuidade a este trabalho, à visibilidade da produção dela. A gente tinha muita afinidade. Não era só uma afinidade teórica, era uma afinidade de ter percepções sobre muitas questões, principalmente as questões de respeito humano, de respeito às diferenças, no cuidado e na atenção com as pessoas. A gente tinha tudo isso muito em comum. Eu acho que a defesa clara desses valores é o grande diferencial nosso, que pauta o que eu continuo escrevendo. Pelas palestras que eu tenho feito, eu procuro enfatizar o quanto o compromisso social e a solidariedade são importantes na prática pedagógica e na produção científica e são marcas que diferem de outras perspectivas sobre insubordinação criativa. A Bia e eu sempre defendemos isso, e é muito fácil reconhecer, no que a gente escreveu e no que eu falo e escrevo hoje, que para a gente o conceito de insubordinação criativa está completamente atrelado ao conceito de respeito humano, de ética, de solidariedade, de compaixão. É uma perspectiva política, mas no sentido de exercício da criticidade. Penso que assumir ações de insubordinação criativa requer do professor uma disponibilidade de repensar suas práticas em benefício da aprendizagem matemática de seus estudantes. Sabe, nós não vamos ser sempre insubordinados criativamente, porque não conseguimos ser criativos o tempo todo. Uma coisa é você ser insubordinado. Eu posso me insubordinar e dizer “eu não quero tomar esse suco”. Por mais que você diga que o suco é bom, que me faz bem, mas eu não quero tomar. Eu estou me insubordinando a isso. Agora, a insubordinação criativa é uma palavra que atrela duas ações: você se insubordina e você cria. E você cria para se contrapor a uma regra porque você tem um objetivo claro, que é gerar um benefício ao outro. E nem sempre isso está claro na literatura dos trabalhos que você encontra. Na realidade eu acho que isso ficou muito forte para nós, por ser a maneira como entendemos o compromisso de produzir pesquisa em Educação. Eu não produzo pesquisa em Educação só porque eu quero, por exemplo, que a pessoa aprenda melhor cálculo. As nossas pesquisas não são marcadas por isso. Nós sempre trabalhamos com a criança, se ela vai aprender melhor a matemática é porque ela tem direito àquele conhecimento e aquele conhecimento vai ajudá-la, de alguma forma, a ser uma pessoa feliz, realizada. A pessoa que tem conhecimento tem mais possibilidades de se realizar, não por ter mais condições materiais, mas até para lidar com situações quando ela não tem as condições materiais. Então, essa perspectiva está muito ligada à maneira como você lê o mundo. Sempre que ouço a música “Faltavam seus olhos”, eu me lembro de Bia. Toda vez que estou produzindo sinto falta do olhar dela sobre o que escrevo. Sinto falta de seus comentários críticos e, ao mesmo tempo, sensíveis. Sinto falta de suas brilhantes ideias e provocações que me desafiavam. Toda vez que eu vou escrever, ou que eu vou preparar uma palestra, me pego às vezes escrevendo coisas, que eu penso assim: “Eu queria muito saber o que você diria disso”. Eu sinto a falta do diálogo com a Bia na produção, porque a nossa produção conjunta ficava mais interessante, mais provocativa. Nós agregávamos ideias, emoções, sentimentos e inquietações. A nossa produção científica não era uma produção científica qualquer, tipo eu produzo para publicar. Era muito carregada de emoção, de significado, como se a gente tivesse esperado a vida inteira para chegar naquela comunhão e complementação de ideias a serem defendidas. Uma vez, quando conversávamos, eu inclusive comecei a te contar isso ontem, ela disse assim: “A gente podia já estar trabalhando há tanto tempo juntas”. E eu disse para ela: “Não, eu não teria maturidade para trabalhar com você como eu tenho hoje”. E é verdade. Eu acho que você precisa de um

determinado desenvolvimento, que nem sempre é só intelectual, porque eu acho que você consegue expressar algumas coisas quando você de fato as vivencia e põe em prática. Então, é quando você cria uma ruptura com a reprodução teórica. É um pouco do que você está falando, do movimento que você tem na sua prática docente, na sua prática de produção de pesquisa, na maneira como você enxerga as coisas. Mas era uma produção que, sem dúvida, era diferenciada, mesmo que ficássemos cansadas. Teve um feriado que, eu acho que ela ficou cinco dias em casa sozinha e a gente trabalhou por Skype todos os dias. Num deles, ela trabalhou um dia inteiro terminando de realizar a revisão de todos os capítulos daquele livro em inglês. No final do dia, ela disse: “Celi, eu estou muito cansada, me deu muito trabalho. Mas é um cansaço tão bom”. No dia de celebração de vida dela, que foi cinco dias depois que ela faleceu, eu pensei: a gente teve tão pouco tempo e produziu tanta coisa que é como se eu tivesse entrado nessa história porque eu precisava ajudar ela nisso, a ampliar ainda mais a produção dela que é tão significativa e deixar ainda mais evidente essa marca sobre a importância de nos insubordinarmos criativamente em favor do outro, sabe. Ela precisava compartilhar essas ideias que nos movem a ser pessoas melhores. Em menos de dois anos, produzimos muito, foram muitos debates e muitas escritas. Mas é isso, Josâne. Eu acho que esse trabalho me modificou muito. Está certo que, atrelado a esse processo todo, eu tive as perdas da minha mãe e da minha irmã, que foram muito difíceis. Então, isso já modifica a gente, como pessoa. Mas, em termos de produção científica, eu acho que esse trabalho com a Bia foi um divisor de águas. Eu passei a compreender de uma outra forma a produção científica. Eu passei a assumir mais essa perspectiva da pesquisa (auto)biográfica, de trabalhar mais com essas verdades que cada um constrói e põe em ação. Isso também me modificou muito. Mesmo quando eu olho para as minhas produções em Educação Estatística, em que sempre defendi uma perspectiva que pudesse possibilitar à pessoa ter uma leitura clara sobre a sua realidade e fazer as intervenções. Sabe, penso que trabalhar com as ideias da insubordinação criativa para mim não é só um conceito. Ela mudou a minha maneira de perceber a minha prática como professora, a minha conduta como ser humano, e eu fiquei ainda mais sensível ao olhar o outro, o cuidado para além do respeitar o outro e buscar compreendê-lo, isso ampliou meu desenvolvimento, sinto que posso ser melhor em minhas atitudes. Eu passei a ser uma pessoa mais calma, mais compreensiva, mais tolerante, e isso tudo se misturou muito. Não só pela produção científica, mas a convivência com a Bia também gerou muito aprendizado. E ela dizia que para ela não era diferente.

## DISCUSSÃO

No contexto das pesquisas brasileiras em Educação Matemática, o conceito de insubordinação criativa é relativamente novo. Entretanto, há indicativos de que ele apareceu no campo da Etnografia, no final da década de 1970 e início de 1980 (D'AMBROSIO; LOPES, 2014; GUTIÉRREZ, 2013; LOPES; FERREIRA, 2019; SANTOS, 2017), quando Morris et al. (1981), inspirados nos estudos de Robert King Merton, realizaram pesquisas com 16 diretores de escolas da cidade de Chicago e destacaram as atitudes insubordinadas criativamente que eles exerciam, com o objetivo de proteger o bem-estar e garantir melhorias para os professores, os estudantes e a

comunidade escolar, de modo a preservar princípios éticos, morais e de justiça social. Eles descreveram as ações dos diretores:

Na comunidade, os diretores tiveram que moldar diplomaticamente as expectativas dos pais quanto às capacidades das escolas. Como respostas aos superiores os diretores variaram de ignorar ordens à desobediência aberta, a fim de proteger a moral da equipe. Os diretores freqüentemente causavam curto-circuito no sistema e usavam a indecisão dos superiores em proveito de suas escolas (MORRIS, et al, 1981, p. 1, tradução nossa).

Em 1992, Keedy investigou atitudes de insubordinação criativa de quatro diretores de escolas. E, em 1995, Haynes e Licata realizaram pesquisas similares na área da Educação, também envolvendo diretores de escolas (Lopes et al., 2017). Na pesquisa definem a insubordinação criativa como

a implementação de políticas e programas no nível da escola de uma forma que se ajusta aos valores, filosofia e objetivos do diretor. Concentra-se no uso de insubordinação criativa nos relacionamentos de diretores de escola com o escritório central, suas crenças profissionais sobre discricção, percepções de conflito de papéis e seu *locus* de controle. A insubordinação criativa era mais frequente entre diretores veteranos que valorizam a competência no trabalho em vez da conclusão de diplomas e certificados e são considerados líderes instrucionais pelos supervisores do escritório central (KEEDY, 1992, p. 21, tradução nossa).

Em seus estudos, Gutiérrez (2013) considera que o ensino de matemática é um ato político e cita como ações de insubordinação criativa dos professores: criar argumentações alternativas que justifiquem as diferenças de aproveitamento dos estudantes e romper com a generalização presente na análise dos seus resultados; questionar as formas como a Matemática é apresentada na escola; enfatizar a humanidade e a incerteza da Matemática; posicionar os alunos como autores, capazes de criar matemática; e desafiar os discursos discriminatórios sobre os alunos.

D'Ambrosio inicia essa trajetória de estudos, ao se questionar:

nós preparamos professores que não têm voz e seguem sem crítica às regras, sem considerar se são boas ou se levarão ao bem das crianças. Preparamos líderes educacionais para defender políticas e documentos, em vez de defender seus professores e as crianças em seus sistemas. Esperamos que os professores sigam cegamente as políticas, sem se preocupar com o impacto de seus atos de ensinar sobre as crianças, nem com o impacto de seus ensinamentos no quadro maior de contribuição para uma geração inspirada a trabalhar em direção a uma nova ordem mundial (D'AMBROSIO, 2014, p. 5, tradução nossa)

Assim, as professoras apresentam o conceito de insubordinação criativa como “ação de oposição e desafio à autoridade estabelecida, quando esta se contrapõe ao bem do outro, mesmo que de forma não intencional, por meio de determinações

incoerentes, excludentes e/ou discriminatórias” (D’AMBROSIO; LOPES, 2015, p. 153). As autoras ainda complementam:

a consciência de quando, como e por que agir contra procedimentos ou diretrizes estabelecidas permite ao profissional ser subversivamente responsável e requer assumir-se como ser inconcluso, que toma a curiosidade como alicerce da produção de conhecimento e faz de seu inacabamento um permanente movimento de busca (D’AMBROSIO; LOPES, 2015, p. 154).

Em outra publicação, sobre ações insubordinadamente criativas, Barbosa e Lopes (2020) alegam que

isso vai exigir do professor postura reflexiva sobre si e sobre o contexto em que está inserido; atenção para identificar situações que se contrapõem aos princípios éticos, morais e de justiça social; criatividade e ousadia para tomar decisões não contempladas em regras preestabelecidas (p. 273).

A subversão responsável apareceu no campo da Enfermagem, nas pesquisas realizadas por Sally Hutchinson sobre atitudes subversivas e responsáveis de 21 enfermeiras, referindo-se a desobediência, quebra ou adaptação de regras preestabelecidas, com a finalidade de proteger e garantir o bem-estar dos pacientes. A autora ainda alega que “dadas certas condições, como conhecimento, ideologia e experiência, os enfermeiros engajados na subversão responsável foram envolvidos em 4 fases: avaliação, previsão, quebra de regras e cobertura” (Hutchinson, 1990, p. 3).

Tomando a conceituação de insubordinação criativa pela perspectiva dos autores elencados, ficam evidentes as aproximações entre os conceitos de subversão responsável e insubordinação criativa, quando as ações são realizadas como desobediência a uma regra, lei ou rotina estabelecidas em função de garantir o bem-estar ou a integridade do outro. Assim como o conhecimento e a experiência dos enfermeiros foram preponderantes nas ações de subversão responsável, para Keedy (1992), a experiência dos diretores também o é. Ao analisarem ações de insubordinação criativa de uma professora, Lopes et al. (2016, p. 298) concluem que o

envolvimento contínuo em processos de formação e sua participação em grupos de estudos e pesquisas que geram constante desenvolvimento profissional lhe atribuem a segurança necessária para suas ações de insubordinação criativa em prol da aprendizagem de suas crianças.

As quatro fases apresentadas por Hutchinson (1990), que antecedem as ações de subversão responsável, também aparecem nos artigos publicados por D’Ambrosio e Lopes (2015; 2016) e também na narrativa que foi concedida pela

professora Celi Lopes, em que apresenta o conceito de insubordinação criativa numa perspectiva política, no sentido de exercício da criticidade, acontecendo em duas ações: insubordinação e criatividade, atreladas aos conceitos de respeito humano, ética, solidariedade e compaixão. Essas ações acontecem quando o professor e/ou o pesquisador se contrapõe a uma regra, porque tem como objetivo claro gerar benefício ao outro. Ela ainda ressalta que assumir ações insubordinadas criativamente requer do professor uma disponibilidade de repensar suas práticas em benefício da aprendizagem matemática de seus estudantes. Deste modo, considerando essas ponderações, a narrativa da professora evidencia que as ações de insubordinação criativa são precedidas por reflexão e tomada de decisão.

A partir da narrativa é possível aferir que o conceito de insubordinação criativa foi apresentado à comunidade científica da educação matemática brasileira por meio dos estudos das professoras Beatriz Silva D'Ambrosio e Celi Espasandin Lopes. A professora Beatriz D'Ambrosio identificou-se com o conceito ao conhecê-lo em um evento científico e convidou a professora Celi Lopes para estudá-lo juntas. A partir desses estudos, pesquisas e divulgações realizadas pelas professoras, o conceito foi inserido no campo da educação matemática brasileira e, em seguida mobilizaram professores e pesquisadores a refletirem suas ações e narrarem suas práticas que dialogam com o conceito.

Não apresentaremos neste texto informações sobre artigos publicados em periódicos, mas será apresentado, a seguir, o resultado de uma busca no portal da CAPES, usando como descritores os termos “insubordinação criativa” e depois os termos “subversão responsável”. Além dos descritores não foram inseridos outros parâmetros de busca.

Para o segundo descritor não houve retorno. Para o primeiro descritor, “insubordinação criativa”, foram exibidas cinco pesquisas: quatro teses de doutorado e uma dissertação de mestrado. O quadro, a seguir, apresenta uma síntese dessas pesquisas:

Quadro 1: Dissertações e Teses

Ano de publicação	Autora	Orientador(a)	Instituição/ Programa de pós-graduação	Título do trabalho
2016	Fernanda Aparecida Ferreira	Cintia Aparecida Bento dos Santos	Universidade Cruzeiro do Sul/Ensino de Ciências	Provas e demonstrações: compreensões de dez anos as produção em educação matemática expressa em eventos
2016	Luci Fátima Montezuma	Carmen Lucia Brancaglioni Passos	Universidade Federal de São Carlos/ Educação	Entre fios e teias de formação: narrativas de professoras que trabalham com matemática nos anos iniciais – constituição da docência e os desafios da profissão na educação pública estadual paulista frente aos programas de governo no período de 2012 a 2015
2017	Gabriela Felix Brião	Ubiratan D'Ambrosio	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Rio Claro)/ Educação Matemática	Eu, uma professora de matemática em jornada narrativa em busca de meus eus-professores em autoformação
2019	Arlenes Buzatto Delabary Spada	Maria Elisabete Brisola Brito Prado	Universidade Anhanguera de São Paulo/ Educação Matemática	Metodologias Ativas da Aprendizagem: um estudo sobre os conhecimentos necessários ao professor que ensina matemática na Graduação
2019	Solange Aparecida Correa	Celi Espasandin Lopes	Universidade Cruzeiro do Sul/Ensino de Ciências	A insubordinação criativa e o processo dialógico na educação estatística na infância

Fonte: Dados organizados pela autora

A primeira pesquisa apresenta um mapeamento da produção científica sobre “Provas e Demonstrações” em Educação Matemática, pesquisando os anais de três grandes congressos internacionais, *International Congress Mathematics Education (ICME)*, *Congress of European Research in Mathematics Education (CERME)* e Conferência Interamericana de Educação Matemática (CIAEM). A autora apropriou-se do conceito de insubordinação criativa ao apresentar ousadia e inovações na metodologia de pesquisa empregada.

A segunda pesquisa procurou compreender, por meio de narrativas autobiográficas de nove professoras polivalentes e experientes, que lecionam matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental, como se dá o processo de constituição da identidade docente, o desenvolvimento profissional e os impactos de políticas públicas educacionais no exercício da docência. Para isso, considerou os programas de governo “Educação Matemática para os Anos Iniciais” (EMAI) e “Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa” (PNAIC), que impactaram o ensino da matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede pública estadual paulista entre os anos de 2012 a 2015. A insubordinação criativa aparece nas narrativas das professoras quando assumem uma prática docente ousada e criativa para promover uma aprendizagem na qual os estudantes atribuem significados ao conhecimento.

A terceira pesquisa é uma autobiografia, produzida quando a autora relembra sua trajetória profissional e de formação, enquanto professora e formadora de professores de matemática. A insubordinação criativa mostra-se nas atitudes da professora e da pesquisadora, tanto frente às adversidades dos processos formativos e identitários narrados, quanto à ousadia presente na metodologia e no relatório da pesquisa.

A quarta pesquisa procurou compreender como um grupo de professores(as) que ensina matemática pensa e se apropria de metodologias ativas de aprendizagem, durante um curso de formação continuada, demonstrando potencial para incorporá-las em sua prática pedagógica. Os dados coletados foram agrupados em duas dimensões: prática pedagógica e organização institucional. A insubordinação criativa está presente na primeira dimensão, relacionada às mudanças na postura dos(as) professores(as) e em suas práticas docentes.

A quinta pesquisa é uma dissertação de mestrado que apresenta as ações de insubordinação criativa de crianças frente às propostas da professora, durante a realização de atividades de conhecimento estatístico. Buscou identificar, por meio de narrativas orais, escritas e audiogravadas das crianças, a existência de ações de insubordinação criativa nas atitudes delas, que possam favorecer o processo argumentativo durante o trabalho com a metodologia de Projetos de Classe. As ações insubordinadas criativamente foram percebidas em argumentos orais, escritos e videogravados, caracterizadas como questionamento, elaboração de questões e análise interpretativa de situações diversas.

Percebe-se a concentração dessas pesquisas ainda em programas de pós-graduação, de mestrado e doutorado, situados no estado de São Paulo: Universidade Cruzeiro do Sul, Universidade Federal de São Carlos, Universidade Anhanguera de São Paulo e Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Essas pesquisas têm se apropriado do conceito de insubordinação criativa para empreender as

investigações realizadas. E também têm encontrado ações insubordinadamente criativas nas práticas docentes e nas atitudes estudantis, evidenciadas em narrativas (auto)biográficas.

No enfrentamento às políticas e práticas que desrespeitam professores e alunos sugeriu o conceito de insubordinação criativa, caracterizando-se como um ato político, em que professores priorizarão a aprendizagem e o respeito a seus estudantes. Isso pode auxiliar na construção de um ambiente escolar que propicie o desenvolvimento de crianças e jovens ativos, criativos, responsáveis, solidários e preocupados com a construção de uma sociedade mais humana e digna para todos (D'AMBROSIO, 2017).

## CONCLUSÕES

Como consequência de seus estudos, as professoras Beatriz D'Ambrosio e Celi Lopes criaram a coleção Insubordinação Criativa, até o momento com cinco volumes, e disseminaram o conceito por meio de vários artigos publicados em revistas e eventos. Posteriormente, a professora Celi Lopes esteve à frente da organização de um evento que se propõe a discutir o conceito nas práticas e nas pesquisas de educadores matemáticos: *International Conference of Creative Insubordination in Mathematics Education* (ICOCIME), que já apresentou duas edições, uma sediada na Universidade Cidade de São Paulo (UNICID) em São Paulo/SP e outra na Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis/SC. Além das inúmeras pesquisas apresentadas nos ICOCIME, suas discussões deram origem a um volume especial na Revista do Programa de Pós Graduação em Ciências e Ensino de Matemática (REnCima), criado a partir das publicações no primeiro evento, e dois volumes da Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática (RIPEM), elaborados a partir do segundo evento.

Os estudos das professoras sobre a insubordinação criativa trouxeram o conceito para o campo da Educação Matemática brasileira, o que propiciou muitos estudos sobre diversas ações e posturas insubordinadamente criativas nas práticas de professores e pesquisadores.

Ao vincular os conceitos de ética, solidariedade e justiça social ao conceito de insubordinação criativa as professoras Beatriz e Celi acrescentaram algumas características ao conceito que para elas são marcantes e essenciais: não basta somente se insubordinar ou se arriscar, é preciso ser criativo, ético e responsável ao promover ações insubordinadas criativamente para garantir o aprendizado ou o bem-estar de estudantes, professores, comunidade escolar e de participantes das pesquisas.

As autoras ainda defendem que o educador e o pesquisador em Educação Matemática não podem exercer a sua profissão com neutralidade, pois estes profissionais têm a função de produzir conhecimento e desenvolver a educação com objetivo de promover o desenvolvimento humano pautado na dignidade e na paz. Afirmam que fazer pesquisa é lançar-se ao novo e ao desconhecido. E, com as lentes da insubordinação criativa o pesquisador desvencilha-se da opressão acadêmica para produzir uma pesquisa inovadora e criativa, cujo conhecimento seja propulsor de uma transformação social com vistas à promoção da dignidade, respeito e solidariedade humana (D'AMBROSIO; LOPES, 2015a).

Assim como D'Ambrosio convida à insubordinação criativa, Guia (2020, p. 233) apresenta uma carta-convite aos professores,

no sentido de provocá-los a descobrir que ações insubordinadas criativas [que] vocês têm ou tiveram. Elas ocasionaram qual bem para as pessoas? Quais são as vantagens (e desvantagens) de se ter atitudes insubordinadas criativas? Eu acredito que estas atitudes servem, também, para proteger os desprotegidos, empoderar os discriminados, dar autonomia aos aprisionados e dar voz aos silenciados.

Insubordinem-se criativamente ou subvertam-se responsabilmente, pois em tempos de isolamento social, como o que estamos vivendo, professores têm sido compelidos a reinventarem-se e a reconstituírem-se como profissionais que, por muitas vezes, precisam adquirir *expertise* em ferramentas tecnológicas que ainda não haviam dominado e metodologias que ainda não haviam adotado.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, J. G.; LOPES, C. E. Insubordinação criativa como parte do legado científico de Beatriz Silva D'Ambrosio. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, v. 05, n.13, jan/abr 2020, p. 261-276.

BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J.; FERNÁNDES, M. **La investigación biográfico-narrativa en educación: enfoque y metodología**. Madrid: La Muralla, 2001.

D'AMBROSIO, B. S. La Subversión responsable en la constitución del educador matemático. In LOPES, C. E.; JARAMILLO, D. **Escenas de la Insubordinación Creativa en las investigaciones en Educación Matemática en contextos de Habla española**. Estados Unidos da América: Lulu Press, 2017, p. 17 a 24.

D'AMBROSIO, B. S. Living contradictions: Negotiating practices as mathematics teacher educators. Paper presented at **Annual Meeting of the Association of Mathematics Mathematics Educators**, 2014. Disponível em: <http://amte.net/sites/>

default/files/living-contradictions-dambrosio-amte-2014.pdf. Acessado em: 12 jun 2019.

D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. **Trajetórias de educadoras matemáticas** (Coleção Insubordinação Criativa). Campinas/SP: Mercado de Letras, 2014.

D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. Insubordinação Criativa: um convite à reinvenção do educador matemático. **Bolema**, v. 29, n. 51, 2015, p. 1-17.

D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. Movimento da insubordinação criativa em algumas pesquisas brasileiras em Educação Matemática. In D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E., **Vertentes da subversão na produção científica em Educação Matemática**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015a, p. 369-379.

GUIA, D. A. **Insubordinação criativa, Auto(trans)formação e Conexões matemáticas**: engendrando saberes na autoformação de professores portugueses. Tese de doutorado, 358 f. Programa doutoral em Ensino e divulgação das Ciências. Faculdade de Ciências. Universidade do Porto, 2020.

GUTIERREZ, R. Mathematics teachers using creative insubordination to advocate for student understanding and robust mathematical identities. In: MARTINEZ, M.; CASTRO SUPERFINE A. (Eds.), **Proceedings of the 35th Annual Meeting of the North American Chapter of the International Group for the Psychology of Mathematics Education**. Chicago, IL: University of Illinois at Chicago, 2013, p. 1248-1251.

HUTCHINSON, S. A. Responsible subversion: a study of rule-bending among nurses. *Sch. Inq. Nurs. Pract.*, v. 4, n. 1, 1990, p. 3-22.

KEEDY, J. L. Creative insubordination: Autonomy for school improvement by successful high school principals. **The High School Journal**, v. 76, n. 1, 1992, p. 17-23.

LOPES, C. E.; D'AMBROSIO, B. S.; CORREA, S. A. A insubordinação criativa em Educação Matemática promove a ética e a solidariedade. **Zetetiké**, v. 24, n. 3, 2016, p. 287-300.

LOPES, C. E.; FERREIRA, F. A. Insubordinação Criativa nas Diversas e Múltiplas Pesquisas em Educação Matemática. **RIPEM**, v. 9, n.3, 2019, p. 5-9.

LOPES, C. E.; PERES, G. J.; GRANDO, R. C. Os percursos da insubordinação criativa nas pesquisas socializadas no ICOCIME 1. **REnCiMa**, v. 8, n. 4, 2017, p. 1-4.

MORRIS, V.C.; CROWSON, R.L.; HURWITZ JR., E.; PORTER-GEHRIE, C. The urban principal. Discretionary decision-making in a large educational organization. 1981.

PASSEGGI, M. C. Enfoques narrativos en la investigación educativa brasileña. **Revista Paradigma** (Edición Cuadragésimo Aniversario: 1980-2020), XLI, 2020, p. 57 – 79.

ROSA, M. Por que Insubordinação Criativa na Educação Matemática? **International Journal for Research in Mathematics Educational - RITEM**, v. 9, n. 3, 2019, p. 1-4.

SANTOS, P. C. Mapeamento de produções científicas brasileiras que utilizam o termo “insubordinação criativa” e/ou “subversão responsável”. **REnCiMa**, v. 8, n. 4, 2017, p. 214-227.

SOUZA, E. C. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In NASCIMENTO, A. D. E HETKOWSKI, T. M. **Memória e formação de professores**. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 59-74.

## SOBRE A AUTORA

JOSANE GERALDA BARBOSA. Doutora em Ensino de Ciências e Matemática e Mestre em Ensino de Ciências, pela Universidade Cruzeiro do Sul/SP. Especialista em Educação Matemática e licenciada em Matemática, pela Universidade Federal de Ouro Preto. Atualmente exerce a função de Técnica em Assuntos Educacionais no Instituto Federal Minas Gerais - Campus Ouro Preto. Atuou como professora de Matemática (Ensinos Fundamental e Médio) nas esferas municipal e federal, esteve na função de Coordenadora de professores mediadores no Centro de Educação Aberta e a Distância do IFMG - Campus Ouro Preto, Coordenadora de Controle Acadêmico no IFMG e de tutora dos cursos de Licenciatura em Matemática e de Especialização em Mídias e Tecnologias em sala de aula, ofertados pela Universidade Federal de Ouro Preto. Membro dos grupos: Educação, Trabalho e Sociedade, Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto)biográficas em Educação Matemática e Estatística (GEPAME) e Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Estatística e Matemática (GEPEEM). Apresenta interesse de pesquisa nas linhas de Formação de Professores, método (auto)biográfico, Ensino e Aprendizagem e Educação a Distância.

RECEBIDO: 15/12/2020

APROVADO:16/01/2021